

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

134

INSCRIÇÕES 559-561



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES
SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA
2016

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista *CONIMBRIGA*, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado *VBI ERAT LVPA*, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



DUAS INSCRIÇÕES FUNERÁRIAS PALEOCRISTÃS
(Nossa Senhora das Neves, Beja)

Tampa de sarcófago de mármore de grão médio (São Brissos/Trigaches) encontrada, há cerca de 40 anos, no “monte” da Robala, perto de Porto de Peles (freguesia de Nossa Senhora das Neves, concelho de Beja), no decorrer de trabalhos agrícolas realizados a cerca de 100 m a sul de uma *villa* romana, cujas estruturas, que podemos considerar monumentais, ainda podem ser observadas à superfície. Nesta zona existe uma extensa necrópole datada da Antiguidade Tardia, onde um de nós (JF) teve a oportunidade de coordenar uma escavação arqueológica de emergência durante os meses de Maio e Junho de 2014.¹

¹ O sarcófago, liso e de mármore de São Brissos/Trigaches, também se encontra muito fragmentado, mas será, em breve, alvo de restauro. A cronologia das inscrições da tampa que o cobriam poderão passar a servir de apoio à datação de monumentos deste género. Alguns têm vindo a ser encontrados um pouco por todo o território do *conventus Pacensis*, destacando-se os identificados no Monte do Faval (DEUS, Manuela de, OLIVEIRA, Nuno Vasco e DUARTE, Cidália, «Sarcófago do Cerro do Faval (Ourique), intervenção de emergência», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7/1, 2004, p. 451-465), Alvito (vários fragmentos em São Romão e São Bartolomeu: cf. FEIO (Jorge), *Marcas Arquitectónico-artísticas da Cristianização do Território Entre Évora e Beja*, Dissertação de Mestrado, policopiada, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2010) e no Monte da Ameira, Alvalade do Sado (FEIO, Jorge, «A romanização em torno de Alvalade do Sado: novos dados», *Actas do I Encontro de História do Alentejo Litoral*, Sines, Centro Cultural Emmerico Nunes, 2009, p. 47-71).

Após a sua descoberta, a tampa de sarcófago e os vários fragmentos do sarcófago foram transportados para o “monte” do Rato, onde se encontram. Foi António Gabriel quem nos deu conhecimento da existência de “uma pedra com uns dizeres que datam de 600, que tenho lá em casa”, no dia 26 de Maio de 2014. Simultaneamente, colocou-nos em contacto com o pai, Manuel Gabriel, que nos deu acesso imediato ao monumento².

Tem gravadas duas inscrições funerárias.

Dimensões: 156 x 55 x 7.

560

DEPOSITIO BAR/DASCI QVI VIXIT / ANNO(s) XX
(viginti) RECESSIT IN PACE D(ie) XVII (septimo decimo ante)
KAL(endas) SEP/^sTEMB(res) ERA DXXII

Sepultura de Bardasco, que viveu 20 anos. Descansou em paz no 17º dia (antes) das calendas de Setembro da era de 522 [14 de Agosto de 484].

Altura das letras: 4. L. 2: C e Q = 4,5; I e V = 3. L. 3: C = 4,5, E = 3. L. 4: C = 4,5, E = 3. L. 5: 2º I = 3,5. Espaços: 1: 28; os demais: 1.³

Paginação cuidada, seguindo um alinhamento à direita e sentindo-se tendência para haver também alinhamento à esquerda não inteiramente conseguido; ainda que não se sinta a presença de linhas auxiliares e o traçado cursivo e algo irregular das letras denuncie uma prévia minuta manuscrita, sem obediência a qualquer sentido geométrico, mas seguindo uma

² Agradecemos aos Srs. António Gabriel e Manuel Gabriel a hipótese que nos deram de efectuar o estudo da epígrafe e, ainda, ao Sr. António Chapita e à Daniela Branco o apoio nos registos realizados.

³ Não se mede o espaço para a epígrafe seguinte e, no seu conjunto, esta primeira epígrafe ocupa um ‘campo epigráfico’ de 24 x 32, distando 9 cm das arestas laterais.

translineação correcta, conseguida, inclusive, mediante o recurso às pequenas letras ou às letras inclusas, que são abundantes. Apenas dois nexos se registam, na penúltima linha NP e AL. Destaque-se a abreviatura, habitual, de *die*, mediante a gravação do **D** atravessado por um traço na diagonal da esquerda para a direita e, ainda, a abreviatura SEPTEMB(*res*), também com outros testemunhos. Do ponto de vista paleográfico, um trabalho apreciável, portanto.

Observam-se dois tipos distintos de AA: A sem barra na l. 1, com ela oblíqua, subindo da esquerda para a direita, nas restantes; as paças dos BB não são iguais (a de cima muito menor, tem cerca de metade da de baixo) e só nas extremidades é que tocam na haste; o C da l. 2 apresenta-se ainda semicircular, seguindo os padrões que podemos observar na epigrafia romana da zona, mas os outros são esguios; o **D** segue o modelo clássico (capital quadrado), mas o do numeral foi grafado em minúscula, assemelhando-se a um **P** invertido e aberto, sendo a haste vertical ligeiramente inclinada para a direita;⁴ do **K** mal se distinguem as duas hastes oblíquas e o **A** faz nexos com o **L**, como se indicou e outras vezes acontece.

Note-se a ausência do qualificativo *famulus Dei* ou *famulus Christi*, que já se observa em Mértola neste período, até porque a expressão *recessit in pace* é comum a inscrições daquela vila datadas de 470 (*Faustianus*), 482 (sem nome) e 489 (*presbiter Satyrio*).⁵

No território do *conventus Pacensis*, a palavra *depositio* não aparece pela primeira vez em Beja, conhecendo-se um exemplo na inscrição dedicada ao (possível) bispo Julião (DIAS e GASPAP, 2006, p. 46, nº 4; contudo, esta inscrição encontra-se fragmentada e não sabemos qual a sua datação exacta, provavelmente será de meados do século VI). O exemplo mais antigo do nosso território poderia ser o de *Petra*, na Herdade da Palhinha, concelho de

⁴ Algo raro, tendo em consideração que, na maior parte dos exemplos conhecidos noutras necrópoles, como nas de Mértola, por exemplo, esta letra aparece normalmente inclinada para a esquerda.

⁵ Ver: DIAS (Maria Manuela Alves) e GASPAP (Catarina Isabel Sousa), *Catálogo das Inscrições Paleocristãs do Território Português*, Centro de Estudos Clássicos (FLL), Lisboa, 2006, inscrições nºs 10 (p. 58-59), 11 (p. 59-60) e 12 (p. 61-63).

Fronteira; não apresenta data expressa (DIAS e GASPAS, 2006, p. 257-260, nº 156), mas poderá situar-se cronologicamente entre a década de 80 do século V e os meados da década de 20 do século VI.⁶ Em exemplares datados, surge nos epitáfios de *Paulus* (Évora, 544 – *ibidem*, p. 196-199, nº 109); de *Thesso* (?) (Lisboa, século VI? – *ibidem*, p. 240-241, nº 143); de um indivíduo desconhecido (Lisboa, século VI?);⁷ de *Felix* (Chelas, 666 – DIAS e GASPAS, 2006, p. 235-237, nº 140); e, ainda, numa deposição de relíquias de santos (?) (Lisboa, século VI?).⁸

Em Mérida, o vocábulo *depositio* no início do texto surge em dois epitáfios: o mais antigo é o do diácono *Hippolitus*, datado de 508; o segundo encontra-se muito fragmentado e não é possível datá-lo, embora tenha sido feita uma proposta para a primeira década do século VI.⁹

Assim sendo, com os dados disponíveis a partir da consulta bibliográfica efectuada, poder-se-á afirmar que, mui provavelmente, se estará diante do mais antigo epitáfio datado encontrado, até ao momento, na Península Ibérica, contendo o vocábulo *depositio* no início do texto.

Não nos parece oferecer qualquer dúvida a leitura *Bardasci* (o I incluso no C), genitivo de um eventual antropónimo *Bardascus*, para que, de momento, se não encontraram paralelos. A semelhança fonética com as palavras portuguesas ‘verdasca’ e ‘verdasco’ levou-nos a pensar numa variante gráfica devida a deformação oral, sendo, por isso, tentadora a aproximação com o radical latino *viri-*, visível em antropónimos como *Viridasius*, *Viridianus*... Afigura-se-nos, porém, aproximação ilusória, na

⁶ FEIO (Jorge), «Inscrição da Herdade da Palhinha 1, Fronteira: uma análise crítica do ponto de vista arqueológico», *Vipasca, Arqueologia e História*, n.º 3, 2.ª série, 2009, p. 34.

⁷ TRINDADE (Laura) e DIAGO (A. Dias), «Fragmento de inscrição paleo-cristã da Rua das Pedras Negras, em Lisboa», *Ficheiro Epigráfico* 63, 2000, inscrição nº 288; DIAS e GASPAS 2006, p. 241-241, nº 144.

⁸ DIAGO (A. Dias), «Inscrição paleocristã do Palácio de Penafiel, em Lisboa», *Ficheiro Epigráfico* 56, 1997, inscrição nº 262; DIAS e GASPAS, 2006, p. 238-239, nº142.

⁹ RAMÍREZ SÁDABA (José Luís) e MATEOS CRUZ (Pedro), *Catalogo de las Incripciones Cristianas de Mérida*, Mérida, 2000, n.º157.

medida em que nos parece muito mais verosímil que a etimologia de *Bardascus* seja procurada em estratos linguísticos norte-africanos, nomeadamente tendo em conta o relacionamento entre as comunidades cristãs primitivas de ambos os lados do Estreito de Gibraltar.¹⁰

561

[*crux*] RE[DEMP]TVS FAMVLVS DEI / VIXIT AN(n)OS
XI (*undecim*) REQVIEVIT / IN PACE D(*omi*)NI III (*die tertia*
ante) IDVS IVNIAS / ERA DCIII

Redento, servo de Deus, viveu 11 anos. Descansou na paz do Senhor no terceiro dia antes dos idos de Junho da era de 604 (11 de Junho de 566).

Altura das letras: 3. Espaços: 1.¹¹

As três primeiras linhas estão alinhadas à esquerda e à direita (em «caixa»); obedeceu a última a um eixo de simetria. Em *annos*, devido à falta de espaço, optou-se por suprimir o segundo N (o que nos parece ter sido assinalado por um traço oblíquo ascendente na última letra, o que seria a primeira vez que tal se registaria na epigrafia do território nacional) e inclusive se ‘amachucaram’ o O e o S, para caberem. A abreviatura DNI por *Domini* começará a ser corrente.

Os caracteres são mais regulares do que os do epitáfio antecedente, com leve tendência para um tipo capital quadrado, ainda que, aqui e além, o lapicida não tenha logrado resistir à influência cursiva. Com exceção do A de *Famulus*, que apresenta uma muito ténue haste rectilínea horizontal, os restantes AA não a têm; CC semicirculares, de acordo com os padrões da epigrafia

¹⁰ Note-se, porém, a título de mera curiosidade, que, no Baixo Alentejo, sobretudo nas zonas de Alvito, Beja, Cuba e Vidigueira, as pessoas mais idosas não dizem ‘verdascada’, mas sim ‘bardascada’.

¹¹ O texto dista 6 cm da base da inscrição anterior, 9 da lateral esquerda, 6 da lateral direita e 83 da base, ocupando o seu ‘campo epigráfico’ um espaço com 15 cm de altura e 35 de largura.

romana desta zona; também os **DD** seguem o modelo clássico (capital quadrado), com excepção do representado em *idus*, que assume quase a forma de delta minúsculo; os **EE** assumem a forma maiúscula, embora, em alguns casos, a sua haste vertical apresente uma ligeira curvatura, o mesmo acontecendo em algumas hastes horizontais do topo ou da base; os **II** mantêm a forma herdada do “período clássico”, tal como os **LL**, os **NN**, os **TT**, os **VV** e os **XX**, exceptuando-se o **N** de *annos*, que apresenta a primeira haste vertical arredondada, e o **T** de *uixit*, que tem a haste vertical levemente encurvada, sobretudo na metade inferior; o único **P** bem conservado tem a parte superior ligada à haste, como no “período clássico”, mas de dimensões relativamente diminutas; **Q** arredondado, traçado a três ou quatro tempos, observando-se que a cauda resulta de um prolongamento do traço principal; a letra **R** foi representada de duas formas distintas: em *Redemptus* as hastes vertical e diagonal não se apresentam unidas, ao contrário do que acontece com o **R** de *requieuit*; por fim, as letras **SS** foram traçadas a três tempos, notando-se que a haste semicircular superior tem menor dimensão do que a observada na haste inferior.

O formulário utilizado no texto é muito comum, se o compararmos com o que se conhece neste tipo de monumentos da região, apresentando, no início, uma pequena cruz a anteceder o nome do defunto, seguindo-se a expressão *famulus Dei*, a mais utilizada aqui: foi registada, até ao momento, com segurança, em 26 epitáfios do *conventus Pacensis*, datando o mais antigo de 462 (*Stefanus*, Mértola) e o mais recente de 587 (*Rufina*, Mértola).¹²

A cruz colocada na mesma linha do nome do defunto, no início do texto, é também relativamente comum nesta área do *conventus*, sobretudo a partir de meados do século VI e durante o século VII.

O nome do defunto está gravemente danificado, porque foi nesse ponto da tampa do sarcófago que o arado “encalhou” há cerca de 40 anos atrás, aquando da sua descoberta; todavia, os traços que subsistem permitem-nos propor a reconstituição *Redemptus*, que aparece pela primeira vez na epigrafia cristã deste período. *Redemptus* (‘resgatado’) resulta da utilização do

¹² DIAS e GASPAR, 2006, números 8 e 46.

participio passado do verbo *redimere*, «resgatar», e pode ter sido escolhido para nomear alguém que fora batizado na fé cristã. Conhece-se um bispo *Redemptus* de Mérida, no século VI; e o nome surge ainda em várias inscrições funerárias no Norte de África, nomeadamente em Cartago.¹³

Outras conclusões se podem retirar das inscrições da tampa de sarcófago de Beja, ora estudadas.

Uma é a presença de indícios de cristianização em ambiente rural ainda no século V, fruto da deposição de *Bardascus* em 484, junto da *uilla* onde morava.

Regista-se nitidamente, por outro lado, que o primeiro texto ocupou uma pequena parte preparada para o efeito no topo da tampa de sarcófago, deixando livre espaço suficiente para outras inscrições referentes a eventuais tumulações sucessivas.

Considera-se normalmente que a reutilização de uma sepultura estará associada a enterramentos de familiares do primeiro defunto e essa situação terá ocorrido em Silveirona, onde foram sepultados *Veranianus* (em 531) e *Savinianus* (no ano de 544) no mesmo sepulcro, com uma diferença temporal de 13 anos. O caso do Monte da Robala poderá ter sido diferente, atendendo ao mais longo intervalo temporal. Contudo, há exemplos de enterramentos sucessivos em Mértola e em Mérida.

Assim, na basílica do Rossio do Carmo (Mértola),¹⁴ destacam-se as placas tumulares com as inscrições opistógrafas de *Faustinianus* (470) e *Restitutus* (523) e de *Exuperius* (527) e *Rufina* (587). Entre o enterramento de *Faustinianus* e o de *Restitutus* medeiam 53 anos e os enterramentos de *Exuperius* e *Rufina* encontram-se separados por 60 anos. Atendendo a que *Rufina* faleceu com 45 anos, poderia ser neta, bisneta ou

¹³ De ENNABLI (Liliane): *Les Inscriptions Funéraires Chrétiennes de la Basilique dite de Saint-Monique à Carthage*, Roma, 1975, n° 25; e *Les Inscriptions Funéraires Chrétiennes de Carthage II: la Basilique de Mcidfa*, Roma, 1982, n° 62.

¹⁴ A fim de facilitar a leitura, optámos por identificar as personagens pelo seu nome seguido, entre parêntesis, do ano em que faleceram. Omitimos as referências bibliográficas respectivas, porque são de fácil identificação no citado livro de Manuela Alves Dias e Catarina Gaspar, quer porque aí as inscrições se dispuseram por ordem cronológica quer porque o volume dispõe de cuidado índice antroponímico.

sobrinha-neta de *Exuperius, ostiarius*, que viveu 70 anos. Se observarmos com atenção, não existindo estudos sobre o ADN dos restos osteológicos encontrados para confirmar se seriam familiares directos, consideramos que, no caso de Mértola (ainda mais acentuado por se registar no interior de uma *basilica*), deva ter sido mais provável a reutilização de uma sepultura volvidos pouco mais de 50 anos, ou seja, passadas duas gerações.

Os casos de Mérida aproximam-se ainda mais do espaço de diferença temporal registado no caso agora registado em Beja. Vejamos os exemplos de duas tampas tumulares: a de *Florentia* (465) e *Marcella* (553) e a de *Gregorius* (492), *Perpetua* (582) e do arqui-diácono *Heleuterius* (605). No primeiro caso, regista-se uma diferença de 88 anos e entre as deposições dos dois primeiros defuntos da segunda *lauda* distam 90 anos. Em ambos os casos, tal como em Beja, a distância temporal corresponde a três gerações, tempo que poderia ser considerado o necessário para reocupar uma sepultura, por já não existir memória da primeira pessoa ali sepultada. Consideramos provável, no entanto, que a diferença de anos entre *Perpetua* e o arqui-diácono *Helleuterius*, 27 anos, possa, muito provavelmente, indicar algum grau de parentesco.

Por fim, a distância temporal entre as duas inscrições da tampa de sarcófago do Monte da Robala permite estudar, num mesmo monumento, a evolução que os textos epigráficos tiveram nesta região naquele espaço de 82 anos. Simultaneamente, ajudam a compreender um pouco melhor o processo de cristianização do território do *conventus Pacensis*, sobretudo em ambiente rural.

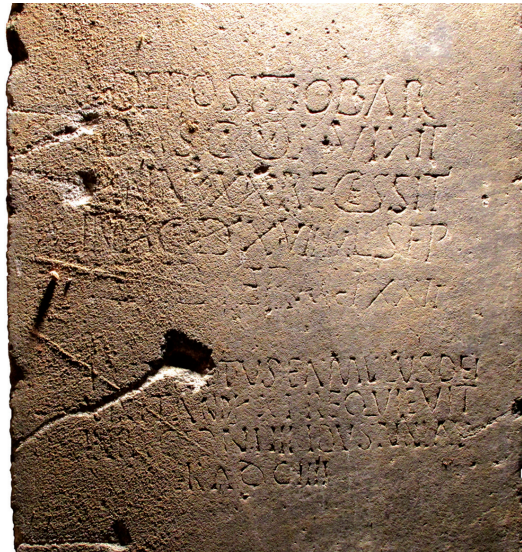
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
JORGE FEIO



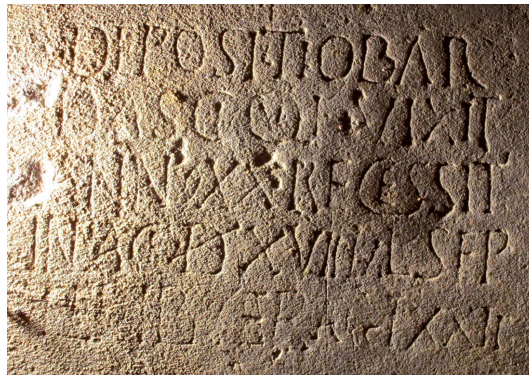
1

560-561

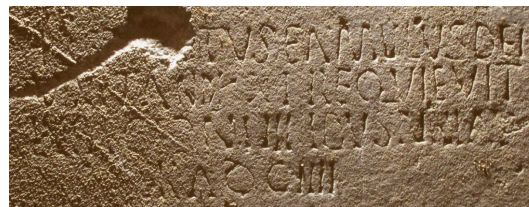
Ficheiro Epigráfico, 134 [2016]



2



3



4

560-561